

O DISCURSO DA ITALIANIDADE NO ES: REALIDADE OU MITO CONSTRUÍDO?

Maria Cristina Dadalto¹

Resumo. A partir da produção literária produzida sobre a imigração italiana no Espírito Santo, este artigo busca analisar a construção do mito da italianidade como principal etnia a compor a identidade capixaba. Utiliza levantamento quantitativo e análise das obras produzidas entre os anos de 1960 e 2005. Conclui que a literatura ajudou a cristalizar esse mito ao reproduzir os sonhos e realizações dos imigrantes.

Palavras-chave: mito da italianidade, imigração italiana, identidade capixaba.

The Italian Discourse in ES: does it reality or a constructed myth?

Abstract. From the literary production produced about the Italian immigration in the Espírito Santo, this article aims to analyze the construction of the myth of italianity as the main ethnic group to compose the Capixaba's identity. Uses quantitative survey and analysis produced between 1960 and 2005. It concludes that the literature helped to crystallize this myth when it played the dreams and achievements of immigrants.

Key-words: Italian myth, Italian immigration, capixaba's identity

1 Introdução

O Espírito Santo é citado, com certa frequência, em textos de gêneros diversos, como um dos estados com maior densidade de imigração italiana do Brasil. Entre a população capixaba há um discurso, inclusive representado na mídia, de que o estado seria composto, em

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Centro Universitário Vila Velha.

sua maioria, por ítalo-descendentes. Sites de associação de italianos no Brasil e no mundo reforçam esse discurso ao indicá-lo como uma das maiores colônias italianas do Brasil. A exemplo, o site da Associação dos Piemonteses de Vitória (2007):

Segundo dados da Embaixada Italiana do Brasil, cerca de 25 milhões de brasileiros são descendentes de imigrantes italianos, estando espalhados principalmente pelos estados do Sul e do Sudeste do Brasil, quase metade no estado de São Paulo. [...]. O Espírito Santo abriga uma das maiores colônias italianas do Brasil. [...]. Atualmente vivem no Espírito Santo dois milhões de italianos e descendentes, representando cerca de 60% da população do estado.

Contudo, a questão que pouco se discute é: o que fundamenta tal informação? Há dados que a comprovam? Não há, no Espírito Santo, nenhuma pesquisa que confirme esse dado. Portanto, a hipótese aventada neste trabalho para tal discurso é a de que uma profícua produção literária produzida sobre a imigração italiana no estado ajudou a construir e a fortalecer este mito.

Essas obras literárias teriam cristalizado o conhecimento sobre o processo de formação e desenvolvimento do Espírito Santo, ao criar uma trama em ambientes inóspitos, os quais italianos e seus descendentes sonharam, sofreram, mas venceram todas as adversidades. Projetar-se-ia, assim, uma representação da identidade capixaba fundada nos italianos trabalhadores e vencedores.

Há de se ressaltar, por outro lado, que não se observa uma produção literária de imigrantes ou descendentes de outras etnias participantes do processo colonizador do estado com o mesmo volume da produzida sobre os italianos e descendentes. Também se pode considerar que outros fatores, tais como a fundação de associações culturais italianas e o número de representantes políticos eleitos nos últimos cinquenta anos no Espírito Santo, auxiliaram na construção dessa narrativa. Todavia, este *paper* se atém à questão da literatura.

Assim, objetiva-se, a partir do levantamento quantitativo dos títulos produzidos entre os anos de 1960 e 2005 e a análise de três obras selecionadas, segundo o ano de publicação e a construção da narrativa, entender como a literatura contribuiu para a constituição do mito da italianidade da identidade capixaba. Ressalva-se, no entanto, que nesse processo de seleção não se desconsidera a qualidade da riqueza narrativa e a multiplicidade das demais obras produzidas.

2 Explicitando a trajetória

Para realização deste trabalho, foram pesquisadas 45 obras entre biografias, memórias, ficção e estudos acadêmicos e estudos sem base científica realizados por imigrantes italianos ou descendentes e por não descendentes. Dessas, apenas sete foram publicadas entre os anos de 1960-1970, as demais são publicações de 1980-2002, sobressaindo o ápice na produção dos títulos a década de 90.

Da literatura analisada, 16 títulos, representando 35,7% da produção, são memórias e autobiografias escritas ou reproduzidas por filhos e netos de imigrantes. Tais obras tratam da vida de imigrantes, pais ou avós, ao chegar ao Espírito Santo, retratando a fome, o medo, a esperança, e a intensidade do trabalho para alcançar a vitória sonhada. Dentre elas se destaca *La vita de Vittorio: diário de um imigrante*.

Outros seis títulos, 13,3%, são romances que relatam o processo imigratório ou o movimento migratório interno no estado, cujo mote é a dificuldade de viver numa terra estranha, os relacionamentos com os brasileiros, as conquistas e a intensidade do trabalho para alcançar o sonho de vencer na América. Nesse gênero, sobressaem-se os romances *Karina*, escrito na década de 60, e *A suavidade do sol poente*, em 2002.

Karina reconstitui, ficcionalmente, a história da vinda dos primeiros imigrantes italianos para o Estado e *A suavidade do sol poente*, seguindo a mesma linha narrativa, tornou-se objeto de estudo de dissertações de mestrado do programa de Estudos Literários da Universidade Federal do Espírito Santo. Escrito por um romancista não descendente de imigrantes italianos, mas que conviveu de forma muito próxima com vários deles ao longo da vida.

Os estudos acadêmicos sobre imigração começaram a ser produzidos com maior intensidade a partir dos anos 90, sobretudo, constituindo 28,8% das obras pesquisadas. Estes trabalhos analisam principalmente temas relacionados ao período imigratório, o trabalho dos imigrantes e descendentes, a cultura política, a cidade e a arquitetura, a cultura e a educação. A maioria tem como foco as cidades de Santa Teresa, Colatina, Iconha, Castelo e Venda Nova do Imigrante. Também foram realizados 10 estudos não científicos, representando 22,2% das obras.

Por meio desse levantamento, depreende-se também que a maioria dessas publicações é composta por obras ambientadas no interior do estado, que narram histórias de sofrimento, de trabalho e sobre a vitória dos imigrantes italianos e seus descendentes no Espírito Santo,

de modo sublimine ou não. São histórias que refletem o trabalho do imigrante e a conquista alcançada por seus representantes, que se expressa, inclusive, na publicação das referidas obras.

Adverte-se, no entanto, que na produção deste *paper* optou-se por análise de biografias, memórias e romances, com o intuito de compreender como as lembranças são narradas, reproduzidas e o que delas permanece na representação de uma comunidade, possibilitando que a constituição de determinados discursos narrativos participem ativamente do processo da identidade coletiva.

Segundo Orlandi (2005), há sem dúvida uma ligação entre história externa e historicidade do texto, que se apresenta como sua trama de sentidos e no qual o discurso funciona de modo a assegurar a permanência de certa representação. Deste modo, considera que os conteúdos das histórias “são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade” (ORLANDI, 2005, p. 68).

As narrativas apresentadas seriam, portanto, representações do imaginário construído pelo projeto dos imigrantes italianos de vencer na América, vivenciadas durante o fluxo imigratório e no período de assentamento no território capixaba, e que se constituíram como ideal de seus descendentes no processo de desenvolvimento urbano (DADALTO, 2007).

3 O contexto e as inter-relações

Nessa direção, um questionamento: o que define a identidade capixaba? A resposta deve ser buscada no processo de desenvolvimento e colonização sociocultural tardia do Espírito Santo, marcadamente fundada por um intenso movimento imigratório e transmigratório interno de representantes de etnias européias – portugueses, italianos, prussianos, suíços, alemães, pomeranos, hanoverianos, poloneses, entre outros –, além de sírio-libaneses, e de levas e levas de negros africanos. Também inseridos nesse processo, migrantes brasileiros de Minas Gerais, do Nordeste, do Rio de Janeiro, bem como os indígenas que já habitavam o local.

A maioria absoluta dos imigrantes e migrantes nacionais começa a chegar ao Espírito Santo a partir de meados do século XIX, originando uma identidade multicultural – no total 44.510 imigrantes entraram no estado entre os anos de 1847 a 1900, sendo maior o nú-

mero de italianos (FRANCISQUETO citado por HESS e FRANCO, 2003). Esse caráter multicultural da população emaranhara-se no fluxo do crescimento socioeconômico do estado, no qual, em momentos dessemelhantes, sujeitos e comunidades anteriormente isoladas se cruzaram em trajetórias migrantes internas no espaço e no tempo dos desmembramentos geográficos e históricos, próprios de seu desenvolvimento (HALL, 2003).

Entrementes, de maneira vária, mas coletiva, a maioria assentada no território espírito-santense viveria o sentimento familiar da diáspora e do deslocamento. De acordo com Hall (2003), em situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas, pois junto aos elos que as ligam a um local de origem há, ainda, a qualidade, de ser “italiano”, ou “alemão”, ou “negro africano”, a exemplo dos imigrantes aqui instalados.

Há de se ressaltar, no entanto, que o processo de assentamento do imigrante europeu no estado é parte da alternativa do governo imperial e do provincial para povoar e ocupar o solo, ampliar a fronteira agrícola e fomentar o desenvolvimento regional, por meio da produção de riquezas. De tal modo, a princípio, o imigrante era localizado em pequenas colônias, cujo objetivo era produzir e buscar a autonomia financeira em pequenos lotes de terras.

Realiza-se, desse modo, no Espírito Santo, um processo de desenvolvimento instituído na expansão da lavoura cafeeira, mas cujo esteio se dividia em duas vertentes: no sul, por meio da *plantation*, e, ao norte, no vale do rio Doce, em pequenas unidades de produção familiar. Isso porque, principalmente no centro-norte, a orientação dos imigrantes concentrou-se na formação de lavoura de café e não na substituição da força de trabalho escrava. Com a pequena empresa familiar, o crescimento econômico do estado se ampliou, resultando na produção de agricultura para exportação em pequenas propriedades. Entrementes, foram várias as estratégias que os imigrantes estabeleceram para conquistar o território.

Uma dessas estratégias foi a constituição de relacionamentos sociais inter-étnicos, associada por laços de consangüinidade ou não, que lhes possibilitaram criar alternativas para o seu próprio desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como o do local em que se encontravam. Mas, as crenças, os valores, os mitos, a cultura, a atitude mental, a maneira como e pela qual vieram e o objetivo produziam as diferenças internas.

Nada obstante, esses grupos se mantiveram relativamente localizados em seus assentamentos primários até o fim da escravidão e a crise do café provocar um intenso fluxo migratório interno, visando ao desbravamento da fronteira agrícola do norte do vale do rio Doce. Todo esse movimento estabelecia-se numa vastidão inóspita, atingindo o auge nos anos de 1930 e se prolongando até os anos de 1950. Participaram desse processo descendentes de imigrantes europeus e também nacionais.

Dados do censo de 1940 demonstram que neste ano 14,4% do total da população capixaba, 106.413 pessoas, eram nascidas em outros estados da Federação. Sendo que deste percentual, 86,3% (92.081), constituídos por mineiros e fluminenses. O norte do Espírito Santo, portanto, surgia como uma promessa a ser conquistada a partir da experiência coletiva construída e mantida na ordem social das colônias espalhadas no território capixaba e de outros estados, e cuja idealização era estabelecida num alentado desejo de estabilidade e de prosperidade.

As colônias, pequenas aglomerações na qual residiam entre 170 e 200 pessoas, em geral, eram auto-suficientes e se mantinham com pequena diversificação de atividades profissionais. Naqueles espaços, o cotidiano tendia à experiência das próprias famílias, com acanhados contatos com outras comunidades, conservando, assim, hábitos coletivos entre gerações. Além disso, por meio das práticas religiosas, os vínculos de compadrio e de parentesco eram instituídos ou reforçados, e, intensificava-se a vida comunitária contribuindo para a reafirmação da identidade cultural.

3.1 Os italianos

A presença italiana no Brasil até 1871 era insignificante em termos de quantidade; contudo, a partir desta data deu-se uma massificação no número de imigrantes, resultando numa presença composta por 1.513.150 pessoas em 1947, segundo levantamento de Cenni (2003). Todavia, a maioria absoluta dos imigrantes italianos chega ao Brasil até o final do século XIX e, a menor parte, no princípio do XX.

A Itália dos Oitocentos era um país recém unificado e pobre, que não possuía uma identidade nacional legitimada por um Estado Nacional, portanto calabreses, ligurianos, toscanos, vênetsos, sicilianos não falavam a mesma língua, tinham histórias, costumes e mentalidades próprias. Além disso, grande parte trabalhava no campo. Em tal textura de fragilidade, se torna compreensível que, para aqueles que

viviam na miséria, a América se apresentasse como uma promessa redentora.

Os primeiros a buscar a emigração em massa foram os italianos da região setentrional, posteriormente, os italianos da região meridional aderiram ao movimento, mas buscaram especialmente os Estados Unidos. Na região central, a emigração foi modesta, lá havia maior equilíbrio dos fatores econômicos e demográficos. A América se apresentava como um imenso continente que acendia a fantasia de camponeses sem terra, de operários sem trabalho e de burgueses arruinados. Segundo Busatto (2002), em muitos passaportes, a impressão, substituindo o lugar do selo, dava a real intensidade da miséria vivida no período: *senza marca per comprovada miserabilitá ou essere da bollo per comprovata povertá*.

Assim, os emigrantes vêm em busca das concretizações divulgadas nas aldeias italianas por agentes e subagentes contratados pelo governo brasileiro e narradas por cartas a parentes e amigos, demarcando a rota da viagem. Favoreciam esse movimento as vantagens imediatas e as facilidades oferecidas pelo Governo, em especial a viagem subsidiada. Uma rede de informações coletiva e complexa, baseada no relacionamento familiar de aldeias e regiões ou por afinidades profissional e política, formou-se dando sustentação à estratégia emigratória. Mas clivagens como a de classe, entre outras, também obedeciam ao sistema de redes. De acordo com Bertonha (2005), essa rede explica a preferência de emigrantes de certas regiões por um determinado destino.

A emigração colhia a península itálica de surpresa, mas o governo, por sua vez, não intervinha, esperava que o mercado regulasse a vida dos pobres (VILLA, 1995). No Espírito Santo, o governo os queria para povoar e ocupar a terra, assentando-os em pequenas colônias no interior do estado. Tão logo eram estabelecidos, escreviam cartas para parentes e amigos que ficaram na Itália contando as façanhas, incentivando a vinda de outros. Mas o estranho sentimento que experimentavam com o desconhecido, a ansiedade, a nostalgia, o medo, era silenciado nas cartas (DADALTO, 2007).

Na perspectiva de Sayad (2000), em qualquer processo migratório, há reações comuns, estabelecidas conforme a condição de emigrante e de imigrantes, e reações diferenciadas, relacionadas à conjuntura. Nesta direção, assevera que não há possibilidade de um indivíduo ou de um grupo experimentar o processo migratório sem que se fixem marcas da ausência-presença, de se abstrair do grupo de origem e de

sua ação cotidianamente presente, bem como de seus mecanismos prescritivos e normativos em sua ordem social, sem que se constitua uma ruptura ou uma defecção na qual os sinais sempre estarão postos.

Além disso, ninguém se insere em outra sociedade, em outro país, sem que as novas experiências, modalidades de contato, economia, cultura não infundam seus efeitos. E, estas mudanças sociais e culturais se fazem de forma lenta, imperceptível, gerando conflitos e incorporando novos hábitos, provocando a integração na sociedade que o acolhe e a desintegração do lugar de ausência. É o momento, considera Sayad (2000), que se apaga a questão do retorno inscrito na condição do imigrante.

Assim, da travessia do sonho coletivo de fazer a América até o assentamento na terra, como no Espírito Santo, os recém-emigrados buscaram se adaptar. Em maior proporção, originária do Vêneto, os imigrantes aportados na terra capixaba viviam sob o regime patriarcal, eram católicos e, a maioria, composta por analfabetos. Procuraram manter a tradição do trabalho coletivo e as trocas nos relacionamentos interpessoais, transportados na bagagem do patrimônio individual, rearticuladas com os novos hábitos e valores aprendidos na labuta das terras e na convivência com outros grupos (DADALTO, 2007). Contudo, a variação de etnias que passou a transitar nas colônias também trouxe reações de estranhamento.²

Na perspectiva de Cohen (1978), ocorre conflito entre diferentes grupos étnicos, porque se estabelecem diferenças fundamentais relacionadas com a distribuição e o exercício do poder, econômico ou político, no interior do sistema social de que fazem parte. Assim, a existência de costumes tradicionais é que irá contribuir de forma significativa para o tipo de grupamento que os migrantes irão desenvolver. Deste modo, pode-se designar um grupo étnico como uma coletividade de pessoas que partilham alguns padrões de comportamento normativo, ou cultural, interagindo num quadro de um sistema social comum, com o estabelecimento de um grau de conformidade em relação a essas normas coletivas no processo de interação social.

Poutignat e Streiff-fenart (1998) avaliam que as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, ao

² Em outro estudo, é apresentado relato de fato ocorrido em colônia do norte, onde, para os italianos, acostumados a trabalhar por tarefas com vistas a resultados e sem uma preocupação imediata com horários, os poloneses eram mal vistos: os polacos, como eram conhecidos, queriam estabelecer horários para os afazeres. Estabeleceu-se, naquela comunidade, a primeira relação de diferença de estranhamento entre grupos, pautada na divisão de trabalho (DADALTO, 2006).

contrário, são freqüentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. Nesta direção, consideram que as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos.

A análise de Poutignat e Streiff-fenart (1998) opera como índice para a compreensão de como a diversidade de imigrantes e migrantes assentadas no território capixaba buscou superar diferenças. Simultaneamente, essa gama de estrangeiros procurou estabelecer padrões normativos de comportamento que permeavam as trocas nas relações interpessoais e profissionais, ao mesmo tempo em que mantinham as diferenças. A tentativa era de superação, de construção de uma nova vida, agora com os filhos e netos.

Com relação ao desenvolvimento socioeconômico dessa população instalada nas colônias no interior do estado, Rocha e Morandi (1991) ponderam que mantinham relações mercantis pouco desenvolvidas e de pequena rentabilidade na produção baseada na expansão da cultura do café e de sua manutenção até os anos de 1950. Nesse período, ocorreu a última grande crise de superprodução e de preço na cafeicultura nacional, determinante para que o governo se decidisse a erradicar os cafezais.

A erradicação incidiu em um espaço sobre o qual a vida econômica e social ainda era muito condicionada ao cultivo do café e cuja composição ainda não se cristalizara de modo a fornecer os meios para proporcionar maior facilidade de integração no mercado interno (BECKER, 1969). Sobreposto a este fator, como a região não possuía atividades acessórias a suportar este processo, bem como não possuía infra-estrutura viária suficientemente organizada, ocorreu uma grande depressão econômica que se expressou na desvalorização da terra e no êxodo em massa.

O período de 1970-1977 apresentou os maiores fluxos migratórios da população. O grande pólo de atração e concentração econômica era a Grande Vitória, onde se implantavam os chamados Grandes Projetos de industrialização. Todavia, para a região norte, o intenso êxodo se revelava dramático: na década de 1950, a população rural representava 79,2% da população do Estado e, na de 1980, 33,2% (RODRIGUES apud ROCHA e MORANDI, 1991).

Ressalta-se, contudo, que, na intensidade desse processo, a população procurava, ao buscar novas alternativas de desenvolvimento e superação das adversidades, manter os traços tecidos no inventário do encontro das várias culturas que aqui se entrelaçaram, bem como na

produção cultural da identidade construída (DADALTO, 2007). A descrição desse processo de assentamento do imigrante europeu e do migrante nacional e de seus descendentes no território capixaba, objetiva entender a relação com um todo específico, num momento particularizado, que provocou, segundo a hipótese desse trabalho, a construção de um mito identitário italiano no Espírito Santo. Posta a presunção, as formas de reprodução das lembranças e o conteúdo que elas representam numa determinada sociedade são considerados elementos básicos ao se analisar o processo de identidade coletiva.

Para Santos, “o sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra” (2000, p. 85). Afirmativa que pode ser refinada pela análise de Halbwachs (1990) ao levantar dois aspectos na reflexão da memória e da identidade: primeiro, nossas lembranças são instigadas por estruturas ou configurações do presente; segundo, a memória não é individual, uma vez que o sujeito está em contínua interação com o outro.

Assim, ao se estabelecer uma ponderação, como a proposta neste *paper*, busca-se vincular o relacionamento entre os grupos de convivência e referências do indivíduo no sentido de desvelar, também, os tipos e as formas de interações existentes entre os grupos ou a sua identidade grupal. Ou seja, compreender que o indivíduo, ao interagir com o grupo, se apropria das representações, tomando como suas as lembranças do todo.

As representações sociais são aspectos fundamentais na compreensão da construção da identidade, entendidas a partir das estruturas e dos comportamentos sociais manifestadas por meio da linguagem, da demonstração de sentimentos e da simbologia instituída no cotidiano, constituído por fatos e ações relacionadas à contextura em que se vive. Entretanto, os acontecimentos coexistem e dependem de uma dada realidade e do seu próprio conhecimento para serem efetivamente considerados. Os conceitos realidade e conhecimento correspondem a nexos sociais específicos, essenciais para a afirmativa que apresenta o real como resultado de um processo de construção social (BERGER e LUCKMANN, 1985).

4 O espelho imaginado

Nessa contextura, ao se buscar apreender a integração interétnica no Espírito Santo visa-se, também, entender a sua própria identidade coletiva, suas representações e seus mitos. Isto porque, ao interagir com outros grupos, o indivíduo se apropria das representações coletivas, tomando como suas as lembranças daqueles grupos. O que possibilita avaliar uma perspectiva de análise includente na integração de imigrantes e nacionais ao colonizar o Espírito Santo, provocando o desenvolvimento de uma identidade diversa.

Uma referência para essa diversidade tem como indício uma listagem de sobrenomes organizada a partir da solicitação de 6.204 pedidos de cidadania italiana, por um grupo de capixabas, ao Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro, em 2000. Nela se constata a intensa miscigenação de italianos e de descendentes com vários outros grupos, impossibilitando que muitos sejam identificados como ítalo-brasileiros tendo como base o sobrenome. A grande maioria carrega sobrenomes de dupla origem: italiano e polonês, italiano e português, italiano e árabe, italiano e alemão, ou apenas um ou outro (DADALTO, 2007a).

Dessa forma, como comprovar o mito da superioridade quantitativa da etnia italiana no Espírito Santo se todos os indícios apresentam uma extrema miscigenação? Nesta direção, buscou-se na literatura uma possibilidade de compreensão desse mito, partindo do pressuposto de que as obras literárias produzidas compuseram uma narrativa mítica do italiano empreendedor, que ajudou a desbravar, a construir as cidades e que dão sustentação a um *ethos* da identidade capixaba.

5 A cena e as obras literárias

Um mito é uma narrativa. Barthes (2001) fala da linguagem aparentemente ahistórica do mito, que se define pela maneira como é proferido: é uma fala escolhida pela história e que teve, em outras épocas, outras traduções representadas por formas orais ou não. Assim, para compreender este mito serão analisadas as obras de Virginia Tamanini, Douglas Puppim e Adilson Vilaça, que narram o espírito desbravador e a busca da realização de um projeto dos imigrantes italianos: o de realização na Terra Prometida. E, que se pressupõe, é um dos vetores que se apresenta na representação da identidade capixaba.

Também nessas publicações pretende-se entender as relações na interação de imigrantes e nacionais.

O romance de Virginia Tamanini, *Karina*, é ambientado no vale do Canaã, situado na região centro-norte, e descreve os momentos de alegria, tristeza, paixão e dever de italianos se entrelaçando lentamente na diversidade cultural do Espírito Santo, que pouco a pouco os confrontava. Douglas Puppim, em *La vita di Vittorio: diário de um imigrante*, apresenta o cotidiano dos imigrantes no sul do estado, recriado a partir do diário do professor Vittorio De Monti. *A suavidade do sol poente*, de Adilson Vilaça, teve suporte de uma pesquisa científica e é, segundo seu autor, ficcional, com alento histórico sobre imigrantes assentados no vale do rio Doce.

Nas três obras, um ponto em comum: iniciam-se na Itália, seguindo o percurso do porto de Gênova até o assentamento no Espírito Santo. Lugares e espaços que preenchem os corações com uma estranha sensação de alegria, de agonia, com narrativas de emoções contraditórias, que encarnam desde o momento em que a multidão se prepara à espera do embarque rumo ao destino transoceânico. Para aquelas pessoas, Fazer a América era realizar um projeto radical de vida.

5.1 A diversidade em cada olhar

Em *Karina*, Virginia Tamanini retrata a experiência de milhares de imigrantes italianos da primeira geração que vieram para o Espírito Santo. Ela principia sua história em meio ao alvoroço e à excitação provocados pelas promessas de Pietro Tabachi,³ ao propagar, nas vilas italianas, “que o ouro lá (no Espírito Santo) é encontrado à flor da terra” (TAMANINI, 1981, p. 8).

Na narrativa, as dúvidas, o medo e o sofrimento compõem, juntamente com o sentimento de esperança e inquietação, o momento ímpar vivido pelos imigrantes na sua escolha de reconstruir uma vida nova. O diálogo entre Karina e a amiga Landa, ao se encontrarem num vagão de terceira classe, a caminho do porto, ilustra esse momento: “— Não chore, Landa. Quando se toma uma resolução destas é preciso trancar o coração” (TAMANINI, 1981, p. 15).

³ Pietro Tabachi foi o responsável pela introdução do primeiro grupo de imigrantes italianos no Espírito Santo. Desde 1858, movia ação para trazer italianos para a Província do Espírito Santo, pois acreditava ser possível fazer fortuna com o sistema de parceria mantido entre a Coroa e seus conacionais. Tendo recebido favores do governo imperial, através do Decreto nº 5295, de 31 de maio de 1873, percorreu a região de Trento, sua terra natal.

Mas Tamanini não se atém ao sofrimento encaixotado. O que propõe é contar a profundidade do sonho coletivo dos milhares que deixaram sua terra natal para reconstruir nova vida na América. Assim, Karina tudo faz para conseguir ultrapassar as barreiras de ser um outro, um imigrante, e transformar seus filhos em cidadãos brasileiros.

A idéia de voltar para a Itália começou a germinar. Mas havia dentro de mim outra força que não me deixava tomar decisão. Tudo mudara na feição do meu sentir. Queria um grande bem à terra que adotara. O passado, de além-mar, ia ficando cada vez mais distante, mais impreciso. Minh'alma se voltava toda para a Pátria do meu filho, onde a natureza não se transfigurava (TAMANINI, 1981, p. 101).

Nesse processo doloroso, no qual se fixam as marcas da ausência-presença, conforme revela Sayad (2000), utiliza-se de um artifício: guardar seu sentimento, esconder suas lágrimas, rir de si mesma e de todos, superar sua própria rebeldia por um destino tão difícil e se pôr a “enganar a Deus com suas arengas e cantorias” (TAMANINI, 1981, p. 43). Karina também expõe como era a luta para não perder a coragem, para manter a fé no projeto utópico de futuro:

A situação era por demais clara: se não havia remédio para o mal, este não devia ser levado em conta. Todo homem tem na vida os seus dias de luta impossíveis, mas esses dias devem ser, também, vividos. Por isso encontrávamos no trabalho o próprio sentido da vida (TAMANINI, 1981, p. 38).

Em sua narrativa ficcional, Virginia Tamanini também apresenta os entrelaçamentos entre as várias etnias, bem como os conflitos entre os personagens residentes no mesmo espaço-tempo naquelas colônias. Em um parágrafo resume esse fenômeno:

E havia o fenômeno do pobre Benedito, tapanhaúna, criado por uma família de imigrantes italianos. Falava o italiano tão bem quanto eles. Na hora do barulho, entrava sempre ao lado destes; mas, na confusão, apanhava dos imigrantes porque era preto, e apanhava dos brasileiros porque falava italiano e cantava com eles (TAMANINI, 198, p. 147).

La vita de Vittorio: diário de um imigrante, produzido por Douglas Puppín, conta as experiências que Vittorio De Monti escreveu durante a vida, num diário intitulado *Breve vita di me*, no qual juntava às histórias do cotidiano recortes de jornais da Itália, fotos e cartas que recebia da namorada de Milão, livros e cadernos que auferia para lecionar italiano. Vittorio inicia seu diário explicando as razões da vinda de sua família da Itália:

Nasci em 29 de janeiro de 1893. Filho de Santo e Nazarena. São italianos da gema, legítimos, de Valdobbiadene. (...) Ele (papai) era um líder entre os jovens que queriam reformas, que sofriam por querer reformas, que sofriam por ter que viver sempre em guerra. A única saída encontrada era imigrar. Imigrando ficavam livres das terríveis guerras e sonhavam alto nas fortunas que encontrariam na América (PUPPIN, 1994, p. 20).

Expunha, então, os motivos da busca por novas alternativas de grande parte dos jovens italianos que emigraram para o Brasil, na figura de seu pai: pobres e sem perspectivas de um futuro pleno de aventuras revolucionárias, se refugiam no mito da fortuna presente nas terras americanas. Já assentado no território capixaba, explícita as expectativas e ansiedades dos membros da colônia italiana, a ação presente no cotidiano por meio dos mecanismos prescritivos e normativos em sua ordem social e os lastros que mantinham com a terra de origem:

Era a primeira reunião de professores que ensinavam o italiano no Estado e nela estavam presentes (...). O homem falava bem, estava bem vestido e foi logo entrando no assunto: primeiro agradecia em nome do governo italiano o trabalho que vinha sendo feito por nós professores, que precisamos ensinar bem os nossos alunos; fornecer para eles os cadernos e livros; ensinar tudo sobre a Itália nossa querida terra natal; mostrar a eles que a Itália tinha que estar no coração de cada um (...) (PUPPIN, 1994, p. 47).

Na narrativa de Vittorio, se apresenta também a dificuldade da população de se manter nas colônias, isoladas da capital, sem amparo de serviços de saúde e comerciais, e as estratégias criadas para superá-las:

(...) há necessidade de fundar-se uma sociedade em benefício dos italianos e foi assim que se fundou a: Fratellanza Agrícola di Beneficenza Societá di Alfredo Chaves - Carita - Pátria - Instruzione - Lavoro. “Uno per Tutti - Tutti per Uno” (PUPPIN, 1994, p. 143).

Contando a história de Vittorio, Puppín oferece a possibilidade de se conhecer a realidade experimentada pelos imigrantes e os meios que buscaram para solucionar coletivamente suas dificuldades. Assim, fundaram associações culturais, agrícolas, entre outras, tecidas no inventário de suas memórias e representações da experiência vivida por eles próprios ou por seus pais e avós na Itália.

Também na obra de Adilson Vilaça se apresenta essa relação de cooperação com vistas a superar as dificuldades: “- Isto, coronel Curatolo. Este é o ponto. Podemos nos ajudar. A partir de nossa colônia, planejamos transformar Colatina no maior centro produtor de café do País (...)” (VILAÇA, 2002, p. 256).

A obra *A suavidade do sol poente* apresenta a saga de dezesseis famílias assentadas conjuntamente em Itapina, na região do vale do Rio Doce, proporcionando ao leitor a compreensão do estranhamento do navio, da morte, da dor do exílio, do encontro com os tropeiros, dos rituais religiosos: “as infindáveis emoções do exílio vagamundando tróperas de selvagerias virgens. No além do rio Doce manso cheio Norte subindo de não ter pontes para colonizar civilizações estava um povo perdido em festa de Bons Princípios” (VILAÇA, 2002, p. 79).

Contudo, esta obra, diferentemente das outras duas, apresenta os conflitos vividos por descendentes de italianos provocados por posições políticas entre integralistas e anarquistas e as consequências do antagonismo desses grupos nas relações de sociabilidade da comunidade. A fala de um personagem ilustra esse processo de conflito:

Pobre de nossa juventude. As marchas da juventude integralista continuavam cada vez mais entusiasmadas. A vila de Itapina virou um grande cenário do espetáculo de inspiração nazi-facista. Cantavam e marchavam. Quando retornavam para a colônia, à noite, coalhavam as estradas com uma longa procissão de archotes. (...) Mas eles apenas colaram nas paredes, nos quatro lados, panfletos que reproduziam o texto recitado. Depois, novamente, reuniram-se em frente ao prédio. Do fundo da escuridão, alguém empurrou Mario para a balta da fúria ritual (VILAÇA, 2002, p. 205-206).

A obra narra ainda o processo de construção e de desconstrução de uma fortuna lavrada na cultura do café, a diferença produtiva constituída entre os membros da colônia também mantidos pelos grãos vermelhos dos cafezais e a migração interna provocada com a erradicação. Demarcando passo a passo a grandeza do processo imigratório desde o sonho da Terra Prometida, Vilaça entrelaça as narrativas até a continuidade na atualidade.

Assim, ambientado no distrito de Itapina, no município de Colatina, *A suavidade do sol poente* descreve como o projeto acalentado pelos antepassados na Itália atravessa gerações e permanece presente na visão de seus descendentes, possibilitando a construção de um *ethos* empreendedor, que supera dificuldades constantes e reconstrói permanentemente suas perspectivas de futuro. No livro, esse *ethos* se apresenta na realidade de Colatina, por meio da fundação do pólo de confecções.⁴

O ativismo benfazejo de Violante contribuía para a auto-estima das mulheres da colônia, que poderiam, por meio da herança indesejada, dar demonstração de que havia lavoura onde só elas sabiam semear e colher. (...) Nos duros anos em que a mãe reiniciara a vida em Colatina, por vezes a suavidade do sol poente acariciava três gerações de máquinas de costura pedalando na varanda. (VILAÇA, 2002, p. 268).

A análise das obras *Karina, La vita de Vittorio: diário de um imigrante* e *A suavidade do sol poente* possibilita a configuração de uma narrativa do discurso de um povo que enfrentou todas as dificuldades, que sofreu vendo filhos, pais, amigos morrendo por problemas de saúde, mordidas de animais, mas que venceram esse desafio e encontraram a Terra Prometida. Elas apresentam, conforme assevera Orlandi, “discursos fundadores, aqueles que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido” (2003, p. 12).

Estas considerações oferecem, assim, a possibilidade de refletir como a história contada por italianos, transmitidas na literatura produzida, apoiada nas ações realizadas e conhecidas por sua divulgação e difusão na sociedade, compõe-se como elemento indicativo a constituir

⁴ A história da formação do pólo de confecções de Colatina está vinculada a vários descendentes de imigrantes italianos e é tema de dissertação de mestrado e tese de doutorado (DADALTO, 2001 e 2007)

e a cristalizar o discurso fundador do mito da italianidade na identidade capixaba.

6 À guisa de conclusão: os entrelaçamentos discursivos

O que move o argumento central deste *paper* explica sua escolha: o fato de os textos selecionados convergirem sempre para uma interação entre os italianos em busca de superar dificuldades, de construir um futuro, e, que, portanto, a literatura ajudou a constituir um mito do italiano empreendedor. Contudo, se resolvermos perseguir os personagens centrais das obras em suas andanças, verificar-se-á o entrelaçamento de destinos na tessitura da diversidade étnica das colônias.

Nas três obras, pode-se também analisar como se estruturam os relacionamentos sociais, como a família se organiza e como os valores culturais se dissolveram e se difundem num movimento de circularidade na cultura regional, mas que de alguma forma se expande num mito da italianidade no Espírito Santo.

Nesse movimento de circularidade se fundiram portugueses, alemães, prussianos, pomeranos, hanoverianos, italianos, libaneses, sírios, poloneses, índios, mineiros, fluminenses, cearenses, negros africanos, entre outros. Membros permanentes ou itinerantes de clãs familiares, de empreendimentos empresariais ou individuais. Participantes de uma realidade histórica surpreendentemente variada. O que havia de comum entre quase todos era o desejo de ultrapassar os muros invisíveis do sofrimento, da distância da terra natal, do sentimento de impermanência.

Os discursos narrados nos possibilitam considerar como a vida na colônia possuía significados que mudavam, tanto em si próprios como em relação a outros, conforme a sua orientação de futuro, ao objetivo de construção do presente, à identidade étnica a que se pertencia. E, nesse processo, sobressai uma visão idealizada do italiano como um homem empreendedor, em sua constante busca para superar adversidades e recomeçar. É, portanto, uma narrativa de um tempo e de uma história partícipe do processo de formação e desenvolvimento do território do Espírito Santo e que contou também com inúmeros outros participantes e suas próprias histórias.

Assim, estabeleceu-se de fato uma relação de alteridade que se apresenta na representação, na memória coletiva do capixaba. Mas, ressalte-se, apesar desta farta e pujante produção literária, não se pode permitir considerar que haja uma preponderância da identidade italia-

na, seja por seus valores ou por uma representação quantitativa da população. No Espírito Santo, ergueram-se cidades amalgamadas por culturas fortalecidas por laços étnicos desde o princípio da colonização (ibéricos, nações indígenas e variadas etnias africanas), que se encorpavam em novas reconfigurações a partir de 1847, principalmente com a recente chegada de outras nacionalidades européias.

Contudo, não há dados objetivos suficientes que justifiquem afirmar que o estado é constituído em mais de 60% por ítalo-descendentes ou que a identidade do capixaba seja fundada na italianidade. O Espírito Santo é sabidamente território em que prospera a diversidade cultural. Porém, a eficácia de uma prática discursiva, sustentada no entusiasmo ufanista da derrota da adversidade, dá alento ao mito da italianidade na supremacia da configuração da identidade capixaba.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS PIEMONTESES DE VITÓRIA. Disponível em: <http://www.piemontevitoria.org/htm/inicio.htm>. Acesso em: 18/06/2007.

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BECKER, Bertha K. **O norte do Espírito Santo: região periférica em transformação**. Tese de concurso para Livre-Docência. Instituto de Geociências. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1969.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERTONHA, J. F. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BUSATTO, Luiz. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo**. Vitória, 2002. Disponível em: http://www.estacaocapixaba.com.br/textos/imigracao/busatto/estudos_italiano/s/dilemas.html. Acesso em: 27.01.06.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2003.

COHEN, A. **O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DADALTO, M. C. Relacionamento interétnico e memória: narrativas de colonizadores do norte do Espírito Santo. **Dimensões: Revista de História**

da UFES. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n° 18, 2006, p. 186-202.

_____. **Imigração e cidade:** sonho e cultura associativa na tecedura de pólos industriais em Colatina. 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

_____. Os rastros da identidade da diversidade capixaba. **Revista Sinais**, v. 1, n° 1, p. 57-72, 2007a.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HESS, Regina; FRANCO, Sebastião P. **A república e o Espírito Santo.** Vitória: Multiplicidade, 2003.

ORLANDI, E. P. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

PUPPIN, D. **La vita di Vittorio:** diário de um imigrante. Vitória: [s.e], 1994.

RELATO DO CAVALHEIRO CARLO NAGAR **O estado do Espírito Santo e a imigração italiana-1895.** Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/>. Acesso em: 15/04/2005.

ROCHA, H. C.; MORANDI, A. M. **Cafecultura & grande indústria:** a transição no Espírito Santo 1955-1985. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

SANTOS, Myrian S. dos. Teoria da memória, teoria da modernidade. In: AVRITZ, L.; DOMINGUES, J. M. (Org.). **Teoria social e modernidade no Brasil.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo do imigrante. **Travessia Especial: Revista do migrante**, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, n° especial, janeiro/2000.

VILAÇA, A. **A suavidade do sol poente**: romance da imigração italiana. Vitória: Textus, 2002.

VILAÇA, A.; DADALTO, M. C. **A confecção da memória**: a história da indústria do vestuário de Colatina. Colatina: Sinvesco, 2001.

VILLA, D. **Storia dimenticata**. Veneto: Meneghini, 1995.

TAMANINI, V. **Karina**. Brasília, [s.e.], 1981.

Maria Cristina Dadalto
E-mail: cristinadadalto@hotmail.com

Artigo recebido em agosto/2008.
Aprovado em setembro/2008.